

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 65

Data: 18.10.72

Pg.: _____

A BR-174 já cruzou o
WAIMIRI *ESP 18-10-72*
território dos atroaris

Do Correspondente em
MANAUS

Os trabalhos de desmatamento e terraplenagem da BR-174, a estrada que ligará Manaus a Caracará, em Roraima, já atravessaram todo o território dos índios **atroaris** e **waimiris**, sem que estes oferecessem resistência ou provocassem hostilidades. A estrada, segundo o Funai, já entrou em Roraima e está apenas a algumas dezenas de quilômetros de Caracará.

A BR-174, que está a cargo do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército, deverá ser prolongada em breve para ligar a capital amazônica à Venezuela. Um dos maiores problemas para a sua realização era a passagem pelo território dos **atroaris** e **waimiris**, uma extensão de 178 quilômetros e onde poderia haver hostilidade dos indígenas. Essas duas tribos tinham trucidado a expedição do padre Calleri, em 1968 o que levou a Funai a suspender nesse ano os trabalhos de pacificação.

Em 1970, o sertanista Gilberto Pinto retomou esses trabalhos e conseguiu nos dois últimos anos captar a simpatia dos indígenas para os homens brancos e para os trabalhos de construção da estrada. Os laços de amizade parecem ter-se firmado no fim do mês passado, quando Gilberto Pinto foi convidado pelo chefe Maruaga para assistir o ritual que os indígenas realizam para se despedir do inverno e saudar a primavera, época melhor para a caça, a pesca e os trabalhos da roça.

O COMEÇO

Segundo o último boletim da Funai, há quase duas décadas os **atroaris** e **waimiris** vinham sendo trabalhados por grupos diversos de pacificadores que no entanto não tinham apresentado nenhum resultado apreciável até 1968. Em junho desse ano, a Fundação Nacional do Índio passou a se encarregar dos trabalhos de pacificação. No dia 24 de junho, o sertanista Gilberto Pinto voou sobre uma das malocas, na área que seria cortada pela rodovia Manaus-Caracará, lançando latas com presentes como anzóis, linhas de pesca, fosforos etc., que foram imediatamente recolhidos pelos silvicultores.

Nos primeiros dias de julho, Gilberto Pinto pousou com um helicóptero numa das aldeias **waimiris**. No início, os indígenas ficaram espantados com o aparelho, mas logo depois se aproximaram e houve até trocas de presentes durante os 30 minutos que o sertanista permaneceu na aldeia. Uma nova expedição foi organizada um mês depois. A equipe seguiu pelos rios e era integrada por quatro sertanistas chefiada por Gilberto Pinto.

Quando a expedição navegava pelo rio Santo Antonio, no território indígena, os sertanistas avistaram uma canoa conduzida por um índio de quem conseguiram aproximar-se demonstrando por gestos que eram amigos. O indígena levou os sertanistas para conhecer a sua maloca, onde apenas se encontrava sua mulher e quatro crianças. Gilberto Pinto examinou minuciosamente a maloca e depois relatou que ela tinha uns 50 metros de diâmetro, duas portas grandes principais e uma auxiliar. As paredes eram construídas de pau-a-pique e revestidas internamente de palha tecida de ubim, uma espécie de cipó. Próximas às paredes, havia 22 divisões destinadas às famílias.

MASSACRE

Os contatos vinham se desenvolvendo normalmente até o dia 3 de outubro, quando o padre Calleri, da prelazia de Roraima, assumiu a direção dos trabalhos de pacificação, a convite dos construtores da BR-174. Com a entrada do padre Calleri, Gilberto Pinto foi designado para outra missão. Dois meses depois, ocorria o massacre da expedição, provocando a interrupção dos contatos por um longo tempo. O incidente fez também com que os índios, temerosos de uma reação dos brancos, se afastassem para o interior da mata.

Em outubro de 1970, Gilberto Pinto reassumiu os trabalhos de atração das duas tribos. E no dia 14 desse mês, já chegavam ao posto da Funai, montado às margens do rio Camanau, 28 índios,

comandados pelo chefe geral das duas tribos, Maruaga. Depois da troca de presentes, os indígenas convidaram Gilberto Pinto e sua equipe para visitar suas malocas. Nesta visita, os sertanistas prometeram retornar brevemente, trazendo mais presentes para os indígenas.

No dia 13 de janeiro de 1971, Gilberto Pinto voltou a manter novo contato com os **waimiris** e **atroaris**. Em sete ubás, cerca de 49 índios desceram novamente o rio Camanau em direção ao posto de atração da Funai, comandados pelos chefes Maruaga e Mina. Novamente, eles convidaram os sertanistas para uma visita a suas malocas. Gilberto Pinto, como vinha fazendo em todos os seus contatos, procurou demonstrar cada vez mais aos índios as boas intenções dos civilizados com a construção da rodovia BR-174 em seu território. De vez em quando, o sertanista levava aos encontros oficiais do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção para que os indígenas fossem se acostumando com suas presenças.

No dia 3 de março do ano passado, novamente o posto foi visitado por um grupo de 45 índios e daí em diante os contatos se tornaram cada vez mais frequentes, com os índios aceitando pacificamente a presença dos topógrafos e das equipes de destacamento do 6.º BEC. Há pouco mais de um mês, um grupo de 51 indígenas visitou o acampamento dos trabalhadores do 6.º BEC e gostaram muito das grandes máquinas de terraplenagem. Apenas alguns olhavam espantados. A maioria gesticulava, ria e alguns até chegaram a brincar com os tratores.

Para a Funai, as duas tribos já estão inteiramente pacificadas e prontas para serem aculturadas. Mas segundo a fundação, esse foi um dos trabalhos mais árduos já realizados pelos seus sertanistas. Principalmente depois da chacina da expedição do padre Calleri. Em seu último boletim, a Funai elogia o trabalho criterioso de Gilberto Pinto, um dos principais responsáveis pela pacificação.